

O PANÓPTICO DO COLONIZADOR E A FÉ DO COLONIZADO: RESISTÊNCIA E ATAQUE EM *THE FAKIR'S ISLAND*, DE ALICE PERRIN

Silvio Ruiz Paradiso*
Leoné Astride Barzotto**

RESUMO: A partir de um estudo que abarca os pressupostos teóricos sobre pós-colonialismo, olhar panóptico, multiculturalismo, resistência, ou seja, teorias que envolvem as culturas do “Terceiro Mundo” e seus estudiosos - como Ashcroft, Griffiths, Tiffin, Bhabha, Mattelart e Neveu -, efetuamos uma análise do conto em língua inglesa *The fakir's Island*, de Alice Perrin. A autora, de origem indiana, é reconhecida mundialmente como um grande nome da literatura pós-colonial, visto que a maioria de seus romances fala sobre a “Índia colonizada”, revelando ironia e humor nas relações anglo-indianas. O enfoque de nossa leitura dar-se-á nesse desvelamento dos diálogos culturais presentes no conto, principalmente na questão do olhar, bem como na visão panóptica, na qual o colonizador subjuga o outro, entronado em uma estrutura arquitetônica bem favorável ao fato: um forte, salientando no espaço seu poder e a subalternidade do colonizado. Outro fator de análise é o modo como o colonizado resiste ao processo de dominação: utilizando-se de uma “maldição”, neste caso, própria de sua cultura, a hindu, como forma e estratégia de contra-ataque. Objetivamos analisar no conto a presença do pós-colonialismo revelado por meio de encontros culturais no âmbito da colônia / metrópole, do colonizador / colonizado e, dentro desse panorama, investigar a exclusão e desaprovação do sujeito imperialista de um ponto de vista físico-geográfico (o forte) e ideológico (o Outro), criando assim pressupostos que evidenciem quão importante é a imagem do forte de Agra como “base de sustentação” para a visão onipresente do sujeito ocidental, assim como a presença mágica das maldições hindus como única “arma” de revide do indivíduo objetificado. Para que a pesquisa possa cumprir sua proposta, os métodos de procedimento

* Graduando do curso de Letras Português/ Inglês, Bolsista do PROBIC CESUMAR/ Fundação Araucária. E-mail: silvinhoparadiso@hotmail.com

**Docente do Cesumar, (CESUMAR/PG- UEL/ Indiana University Bloomington). E-mail: leone@cesumar.br

serão o histórico e o comparativo, enquanto o caráter será descritivo-analítico, pois dessa forma os fatos podem ser identificados, descritos, classificados, interpretados e, principalmente, analisados pelo pesquisador sem sua interferência e manipulação. Far-se-á a descrição das teorias propostas juntamente com a narrativa em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Diálogos culturais; pós-colonialismo; Literatura Inglesa.

THE COLONIZER'S PANOPTIC VIEW AND THE COLONIZED FAITH: RESISTANCE AND ATTACK IN *THE FAKIR'S ISLAND*, BY ALICE PERRIN

ABSTRACT: Based upon a study that embraces the theoretical presuppositions on post-colonialism, panoptic view, multiculturalism, resistance, in other words, theories that involve “Third World” cultures and their researchers – such as Ashcroft, Griffiths, Tiffin, Bhabha, Mattelart e Neveu -, we carried out the analysis of an English language novel *The Fakir's Island*, by Alice Perrin. The author, of Indian origin, is recognized world wide as a great name of the post-colonial literature, as the majority of her novels are about “colonized India”, revealing the irony and humor in Anglo-Indian relationships. The focus of our reading will be based on the unveiling of the cultural dialogues present in the novel, especially the way of looking, as well as the panoptic vision, in which the colonizer subdues the other, enthroned on a favorable architectonic structure: a fort, highlighting his power based on a place, and the subdued condition of the colonized. Another factor of analysis is the way the colonized resists to the domination process: making use of a “curse”, in this case common to Hindi culture, as a way and strategy of counterattacking. We aimed at analyzing the novel under the post-colonial light, revealed by the means of cultural encounters in the colony / the colonizer metropolis / colonized and, in this way, within this panorama, investigate the exclusion and disapproval of the imperialist subject from a physical-geographical (the fort) and ideological (the Other) point of view, and thus creating presuppositions that give evidence of how

important the image of the Agra Fort is as the “support basis” for the omnipresent view of the western subject, as well as the presence of the magical Hindi curses as the only “weapon” to fight against the objected individual. In order that this research may achieve its objectives, the methods of procedure will be historic and comparative, whereas the character will be descriptive-analytic, so that in this way the facts may be identified, described, classified, interpreted and, especially, analyzed by the author without his interference or manipulation. The theories proposed will be described together with the narrative in question.

KEYWORDS: Post-colonialism; cultural dialogue; British Literature.

INTRODUÇÃO

A visão pós-colonialista vem sendo estudada por historiadores e teóricos não mais como uma teoria defensora do nacionalismo ou nativismo, mas como uma teoria que revela as relações binárias do “Primeiro” com o “Terceiro Mundo”, desmontando não só as fronteiras culturais, mas também as fronteiras ideológicas e intelectuais. Assim, pós-colonialismo compreende “toda cultura afetada pelo processo imperial desde o momento da colonização até os dias de hoje” (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 1991).

Estruturada em meados dos anos 1960, a teoria pós-colonial contribuiu com os estudos culturais na perspectiva pós-moderna, instituindo novas “idéias ocidentais” do que seria colonização e ao mesmo tempo inserindo versões pós-modernas sobre a mulher, o negro, o homossexual, os migrantes do Terceiro Mundo, e uma nova construção analítica sobre raça, gênero, diáspora, homofobia, anti-semitismo, refugiados e outras questões.

Essa nova construção analítica gera uma literatura de resistência, de revide e contra-ataque, a qual tenta resgatar forças e ideais perdidos no tempo, sufocados pela violência do Outro/dominante, para que o povo subjugado possa ter consciência de sua identidade e lutar contra uma ordem estabelecida pelos representantes da supremacia ocidental, cristã, branca, patriarcal, como, por exemplo, o soldado, o missionário, o governante, o explorador, o aventureiro, o viajante, o político europeu, etc. Tais elementos visam criar o “outro” nativo, objetificado, alienado, oprimido e dominado para que eles próprios possam firmar-se como “Outro” sujeito, dominador, invasor e detentor de tudo e todos.

As narrativas da literatura pós-colonial estão construídas com base em conceitos de resistência, revide, contra-argumentação, subversão, oposição, mímica, civilidade dissimulada, entre outros. Além disso, tais textos compreendem assuntos referentes às sociedades que sofreram o infortúnio da colonização, enaltecendo tópicos como: os dilemas de desenvolver uma identidade nacional após as regras coloniais; os modos pelos quais os escritores de países colonizados tentam articular e, até mesmo, celebrar as suas identidades culturais; o conhecimento dos modos pelos quais os colonizados serviram aos interesses dos colonizadores e como o saber de pessoas subjugadas ao poder é produzido e é usado; a maneira como literatura é usada para justificar o colonialismo pela perpetuação de imagens dos colonizados como inferiores.

O conceito de “panóptico” e “religiosidade” cria, na perspectiva pós-colonial, uma dicotomia de ataque e defesa e/ou domínio e resistência. O panóptico é o meio pelo qual o colonizador domina e controla as atitudes do colonizado, gerando, basicamente, três ideais: superioridade (por mostrar-se acima geograficamente); domínio (por obter a “visão onisciente”) e autoritarismo (por utilizar uma arquitetura de poder bélico, político e estrutural).

Por sua vez, a religiosidade, quando tida como resistência, é elemento subversivo dos colonizados, que a usam como meio de contra-ataque. A fé, a sacralidade, a crença e a religiosidade são invisíveis, sendo assim armas não vistas pelos olhos dominantes do colonizador. O indivíduo colonizado utiliza a religiosidade transformando-a em força transcendente - como a maldição, a praga, o *voodoo* ou o milagre.

No conto *The Fakir's Island*, de Alice Perrin (2004), essas duas forças - o ataque do colonizador (visão panóptica) e a resistência do colonizado (religiosidade) - permeiam a belíssima história de amor, em que, além do romantismo e sentimentos próprios da história, Perrin nos mostra as faces dicotômicas da colonização, a da força a da fé.

2. AUTORA E OBRA

2.1 ALICE PERRIN (1867-1934)

Alice Perrin nasceu na Índia, em julho de 1867, e se tornou uma autora popular. Permaneceu em sua terra de origem até o início da década de 1930. Escreveu diversos romances e coleções baseados em suas experiências lá vividas durante o fim do século 19 e início do

século 20. Conhecida como uma *best selling* “Anglo-indiana”, Perrin conseguia magistralmente expor as relações entre a Índia e a Inglaterra utilizando a ironia e o bom humor.

Era filha do general da cavalaria de Bengala John Innes Robinson. Bengala, terra natal de seu pai, é uma região no Nordeste da Ásia Meridional. Atualmente, divide-se entre o Bangladesh (Bengala Oriental) e o Estado federado de Bengala Ocidental, na Índia. Algumas áreas do antigo Reino de Bengala integram hoje os Estados federados indianos de Bihar, Tripura e Orissa, uma região repleta de religiosidade hindu.

Perrin casou-se em 1886 com o engenheiro e também oficial médico do serviço civil indiano Charles Perrin, em tempos em que a Índia era controlada pela coroa britânica, já que em 1600 fora fundada a Companhia Inglesa das Índias Orientais e a partir de 1757 fora iniciada a colonização de partes do território indiano.

Publicou cerca de 25 romances e alguns contos. Suas obras mais famosas foram: *Caulfield's Crime*, *In the Next Room*, *Chunia*, *Ayah*, *The Bead Necklace*, *Footsteps in the Dust*, *Powers of Darkness*, *The Sistrum* e, principalmente, *East of Suez* (1901) e *Red Records* (1906).

2.2 THE FAKIR'S ISLAND (1901)

Em 1901 escreveu o conto *The Fakir's Island*, uma história de amor que tem como pano de fundo a intolerância à cultura alheia. O conto tem seu espaço e tempo no reinado da rainha Elisabeth, quando uma jovem inglesa (Mona Selwyn) chega à Índia (colônia britânica) em visita ao seu tio (comandante do forte de Akbar) e dois meses depois começa um relacionamento amoroso com o soldado George Robertson.

Ela fica surpresa com a cultura hindu, principalmente pelo ritual hindu *Khoom Mela* (ou *Kumbha Mela*). Em meio a cuspidores de fogo, camas de pregos, encantadores de serpentes e praticantes do autoflagelação, Mona e seu amigo inglês vêem um grupo de mendigos hindus e um velho faquir. O velho faquir e seu grupo, tomados de toda a sorte de doenças - como varíola e lepra - imploram por esmolas. Mona não entende a razão do pedido e o ataca verbalmente, e seu amigo Kerr golpeia o pote de mendicância do velho faquir. Então o faquir amaldiçoa a jovem inglesa, desejando que ela se torne tão desfigurada quanto seus seguidores que ali estavam. George Robertson sai por dois meses da Índia e quando retorna tem ciência do estado de Mona, deformada pela varíola, a esperar pelo seu amor.

Alice Perrin faleceu trinta e três anos depois de ter escrito esse conto, em 13 de fevereiro de 1934, na Suíça, país em que viveu após sua saída da Índia.

3. SUBVERSÃO E IRONIA EM *THE FAKIR'S ISLAND*

The Fakir's Island é um conto com subversão e ironia permeando o binarismo entre a Índia e a Inglaterra. O primeiro binarismo acontece logo no primeiro parágrafo, quando a autora destaca dois importantes monarcas: o imperador mongol Akbar, o qual ordenou a construção do Forte Vermelho (*Red Fort*), e a rainha Elizabeth I, a qual ordenou a invasão e ocupação do mesmo forte: “*On the ramparts of a red sandstone fort, built by Akbar, the great Moghul Emperor, in the days when Elizabeth was our Queen*”¹ Perrin (2004, p. 284). A ordem dos nomes revela, mesmo que inconscientemente, uma aversão à monarquia britânica.

Em seguida, o texto menciona a posição de superioridade (geográfica e política) de Mona, a jovem inglesa: “[...] *stood a fair fresh English girl. She was looking down on a scene*”² (PERRIN, 2004, p. 284); geográfica por estar acima da população e política por estar no forte, ‘dominado’ pelo seu tio comandante: “*She had arrived fresh from England, two months ago, to keep house for her bachelor uncle who commanded the fort.*”³ (PERRIN, 2004, p. 285).

A superioridade dos ingleses é contestada quando a autora exalta não os que estão no forte, os colonizadores, mas sim, o construtor e “verdadeiro dono”, ou seja, o imperador mongol Akbar, simbolizando a cultura e história nativas: “*Behind the dainty little figure in white towered the rugged red battlements, so indicative of the mighty character of the man who had raised them*”⁴ (PERRIN, 2004, p. 284).

Em meio aos interesses “amorosos” de Mona por Robertson, as ideologias da jovem, representante do Império, são percebidas a partir do oitavo parágrafo, quando, ao olhar o ritual hindu nas margens do Ganges,

¹ Nas plataformas de um forte de arenito vermelho, construído por Akbar, o grande imperador mongol, nos dias em que nossa rainha era Elizabeth. (tradução nossa).

² [...] estava de pé uma menina clara inglesa. Ela estava olhando para baixo a uma cena[...]. (Tradução nossa).

³ Ela tinha chegado recentemente, fazia dois meses, para permanecer na casa de seu tio solteiro, que comanda o forte (tradução nossa).

⁴ Atrás da pequena figura delicada e alva sobressairam as ásperas muralhas vermelhas, tão indicativas do caráter poderoso do homem que as tinha levantado (tradução nossa)

expõe a George seus reais sentimentos pela colônia e seus habitantes: *“Aren't they horrid? continued the girl, pointing down-wards with her white parasol. 'They make such a noise, and kick up such a dust, and smell so nasty. I hate natives'.”*⁵ (PERRIN, p. 285).

Alice Perrin é reconhecida pela ironia e tom sarcástico de seus contos, característica que é vista na passagem em que George Robertson diz a Mona que não são os nativos “os selvagens”, mas sim, os antepassados ingleses: *“But they [the natives] are wonderfully interesting people, said Robert, dreamily, thinking of the great civilization that had been firmly established when Britons were yet barbarians”*⁶ (PERRIN, p. 285).

As idéias de Robertson sobre os nativos são sempre contrárias ao pensamento imperialista e preconceituoso de Mona e seus amigos britânicos. *“Same theory as our baptism”* e *“This people's religion is far more real to them than is ours to us”* são discursos que desestabilizam todo o conceito dos demais estrangeiros; e é tal desestabilidade e o não-conhecimento cultural de Mona que a levarão à auto-sugestão de que a varíola fora uma conseqüência da praga do velho asceta, e não da facilidade do contágio (a varíola é muito contagiosa; sua transmissão se dá através da saliva ou objetos de pessoas contaminadas e pelas vias respiratórias [espirros e tosse]).

Mona fica surpresa quando observa as manifestações teoculturais dos nativos, como cama de pregos e autoflagelação, deixando claro que antes não acreditava naquilo. Muitos dos estereótipos dos indivíduos orientais são exagerados e caricaturados, gerando mitos sobre o nativo. Tais mitos construídos pelo colonizador ocidental são a base de um dos discursos do europeu: “O nativo, o ameríndio ou africano são selvagens e necessitam da ajuda do colonizador para se civilizar”. A idéia de sexualidade exacerbada, preguiça, canibalismo e inferioridade intelectual faz parte da constante idéia do colonizador, mas quando o assunto é superação e resistência, o colonizado teima em não aceitar: *“I never believed it was true before.”*⁷ (PERRIN, 2004, p. 288)

⁵ “Eles não são horríveis?” Continuou a garota, apontando para baixo com seu branco guarda-sol. “Eles fazem tal barulho, escoiceiam poeira e cheiram tão mal. Eu odeio nativos” (Tradução nossa)

⁶ “Mas eles são pessoas maravilhosamente interessantes” - disse Robert, sonhador, pensando que esta grande civilização se estabelecera firmemente quando os bretões eram ainda bárbaros. (Tradução nossa)

⁷ Eu nunca acreditei nisso antes. (tradução nossa)

Um momento de extrema ironia ocorre quando Alice Perrin descreve a passagem na qual a multidão de mendigos que acompanhava o seu líder, o faquir, acua o grupo inglês, revelando que a proteção militar na presença do capitão George e do forte não valia nada naquele momento. É então o momento em que Mona, seu amigo Keer e os outros ingleses atacam o faquir, golpeando seu pote de mendicância:

*The crowd of beggars gathered round, whining, cringing, crawling; stretching out claw-like hands and fingerless stumps towards the English people [...] Keer raised his cane and struck the begging bowl from the fakir's hand [...] The old priest's tawny eyes blazed with rage. [...] then he cursed them loudly and venomously – 'and thou', he concluded, glaring at Mona's white face, 'before ten suns have set thy beauty will be gone- thou wilt be as those'*⁸ (PERRIN, 2004, p. 289)

No ano da morte da rainha Vitória (1901), a “Imperatriz da Índia”, o conto *The Fakir's Island* se situava em um período literário chamado “vitoriano”; porém, apesar de seu momento de transição para o modernismo, o conto de Perrin ainda indica resquícios do período anterior, isto é, o romantismo, pelo subjetivismo, exagero, sentimentalismo e nacionalismo.

Tais características estão presentes no conto no que tange à relação exageradamente sentimental entre Mona e Robertson. O exagero é marcado pela insistência do soldado em ainda desejar Mona, apesar da deformidade desta causada pela varíola. As referências à cultura e história indiana e oriental são frequentes: “*Eastern sky*”, “*holy Ganges River*”, “*khoom Mela*”, “*hindu fair*”, “*ancient fakir*” etc., marcando assim o nacionalismo.

A ênfase do *happy end* sombreia a situação deplorável dos indianos, que vivem em meio à mais cruel miséria, mendigando e largados a toda a sorte de pestes, como a elefantíase, a lepra o *Orthopoxvirus*. e outras. Assim, a idéia de um final feliz para os protagonistas ingleses é muito mais importante do que a crítica ao imperialismo, que trouxe miséria e sofrimento a uma parcela dos indi-

⁸ A multidão dos pedintes recolheu-se em volta, lamentando, chorando, rastejando; esticando as mão como garras apontando para o grupo inglês [...] Keer levantou seu bastão e golpeou o pote de mendicância da mão do faquir [...] os olhos do velho faquir

anos. Perrin (2004), se supera quando dá um tom dramático ao final do conto, exacerbando o “amor” da frígida garota inglesa e seu capitão de 30 anos de idade.

Sabendo que a autora foi Alice Perrin, deduzimos que não foi bem essa sua concepção, pelo contrário, a autora indiana conduziu o conto de forma a criticar o imperialismo britânico no território da Índia, porém o “eu-inglês” acabou sendo mais forte e fixou nos últimos parágrafos os ideais ingleses do período romântico-victoriano, isto é, o final feliz para os britânicos, mesmo as outras personagens ficando à mercê de seu destino.

O “eu-inglês” é comum na literatura pós-colonial, visto que a troca cultural e/ou a assimilação são freqüentes, ora quando o colonizador utiliza a língua do mestre (apropriação), ora quando o colonizador assimila as idéias religiosas do nativo a fim de sincretizá-las com a fé européia. Portanto, esses resquícios do “eu-inglês” dentro do conto *The Fakir's Island* só reforçam a idéia de que o discurso colonial de ambos os lados (outro/Outro) é híbrido, ambivalente e binário.

4. O PANOPTISMO: A VISÃO DOMINADORA DO COLONIZADOR

Como vimos, o conto *The Fakir's Island* pode ser dividido em uma dicotomia como a Índia colonizada e a Inglaterra colonizadora, subdividindo-se em ataque e resistência, numa esfera menor. Analisaremos o primeiro segmento (ataque), que condiz com o segmento maior dos colonizadores ingleses, por estes denominado panopticismo.

Em meados do século XVIII, um jurista inglês, Jeremy Bentham, definiu o “panóptico” como uma figura arquitetural que induz o indivíduo a um estado consciente e permanente de visibilidade e submissão e assim assegura o funcionamento constante de poder (BENTHAM, 2000, p. 7). Em cada uma das suas aplicações permitia aperfeiçoar o exercício do poder e induzir uma sociedade a um estado de permanente submissão, visto que estaria 24 horas vigiada sem ver quem a vigiava.

Segundo Foucault (1975), a visão panóptica (ou o panóptico) poderia ser aplicada a vários campos da sociedade, não apenas a uma prisão. O panóptico, para o autor, é um princípio geral de construção, multicultural e social, visando a uma só coisa: a vigilância:

chamejaram de raiva [...] então ele os amaldiçoou alto e veemente – ‘e você’ – concluiu, vislumbrando a face alva de Mona, “após dez pores-do-sol sua beleza se esvairá e você definhará assim como eles” (Tradução nossa).

É polivalente em suas aplicações: serve para emendar os prisioneiros, mas também para cuidar dos doentes, instruir os escolares, guardar os loucos, fiscalizar os operários, fazer trabalhar os mendigos e ociosos [...] Cada vez que se tratar de multiplicidade de indivíduos a que se deve impor uma tarefa ou um comportamento, o esquema panóptico poderá ser utilizado. (FOUCAULT, 1975, p. 170)

Assim, o panóptico de Benthan pode ser concebido de várias formas, desde que atenda a duas condições: ter uma torre suficientemente alta e ter um campo “aberto” de visão, como uma sentinela, uma torre, um castelo, uma masmorra ou um forte - o forte de Akbar do conto *The Fakir’s Island*. Essa polivalência da aplicação da teoria e o “maquinário de Benthan” são hoje parte de conceitos inseridos na literatura pós-colonial, pois o panopticismo revela que o olhar do colonizador é um ato de domínio, e suas forças arquitetônicas - como castelos, fortes, e masmorras - justificam tais atos: de olhar e dominar sem tocar nos colonizados. Assim, como nos revela Foucault, a visão panóptica supõe a tarefa de impor um comportamento, no caso, o de submissão, modo pelo qual todo colonizado – um grupo ou toda uma nação - fica vigiado e rebaixado tanto ideológica como literalmente em relação à cultura imperialista. No texto de Perrin, os ingleses se postam no forte de Akbar, observando todos os movimentos da população hindu; esta, por sua vez, banhando-se nas águas do rio Ganges, está exposta aos olhos “onipresentes” dos colonizadores.

A opulência vertical do forte traduz seu campo de visão: o colonizador, quanto mais alto estiver, mais “superior” ou “acima do outro” e de sua cultura estará. No conto não se especifica a altura do forte, mas a seguinte passagem a evidência:

She was looking down on a scene [...] and below her surged nearly, two millions of human beings, who had gathered from all quarters of India to bathe in the holy Ganges River and wash away their sins [...] Look at them down there like a disturbed ants’ nest⁹.
(PERRIN, 2004, p. 284 -285). (Grifo nosso)

⁹ Ela olhava para a cena abaixo (...) e abaixo dela, aproximadamente dois milhões de humanos provindos dos quatro cantos da Índia para se banhar no sagrado rio Ganges e lavar seus pecados (...) Olhe para eles lá embaixo, são como um perturbado ninho de formigas. (Tradução nossa).

Somente um local muito alto e com amplo campo óptico possibilitaria para quem nele estivesse observar dois milhões de pessoas como se fossem “formigas”.

Historicamente, o forte de Akbar fora construído pelo imperador do mesmo nome. O soberano Akbar ordenou, em 1638, a construção de um forte às margens do rio Yamuna, atual Agra. A construção foi rápida e em oito anos a maior parte das torres internas já estava pronta. Construído com pedras de areia vermelha, o *Lal Quila*, como também é conhecido, eleva-se sobre um terreno seco e largo, a nordeste da cidade. Suas paredes estendem-se por dois quilômetros de distância e variam em altura: as paralelas ao rio medem 18 metros, e as que permeiam a cidade, 33 metros. O Forte Vermelho e suas 21 torres, que serviram às excentricidades panópticas do povo inglês, serviu também para que o primeiro-ministro da Índia, Jawaharlal Nehru, endereçasse à Nação, no dia 15 de agosto, sua carta de independência..

O termo cunhado por Benthan traduzia-se em construir ou ajudar a construir uma forma de poder que passou a imperar nas prisões, hospitais, fábricas, conventos e escolas, aperfeiçoando gradualmente o seu alcance até aos indivíduos. Jeremy Bentham, juntamente com Stuart e James Mill, difundiu o Utilitarismo, teoria ética que responde a todas as questões acerca do que fazer, do que admirar e de como viver, em termos da maximização da utilidade e da felicidade, além de idealizar o “panóptismo”, permitindo-nos entender que a ideologia inglesa de “dominar” não foi proposta agora, com a universalização da língua inglesa ou o autoritarismo religioso anglicano, mas já vem cunhada em ideologias como o panóptico.

Foucault (1975), observa, a partir da formação da ideologia panóptica, que a “doutrina” de Benthan não deve ser compreendida apenas como um edifício-padrão, mas como um mecanismo de poder muito bem representado, no qual há subsídios arquitetônicos ou ópticos – desde um mirante que permita ver um navio até um mastro de navio que permita observar o mirante. Não é de admirar que, nos textos pós-coloniais, a localização de todas as personagens é de extrema importância para a significação textual, pois o discurso pode ser o mesmo, mas o significado é outro. Por exemplo: seriam do mesmo valor o discurso de um colonizador feito de cima de uma pedreira, mandando nativos que lavam roupa no riacho abaixo da mesma pedreira subirem, e o discurso do mesmo colonizador dando a mesma ordem, só que a partir de posição “inferior” à dos nativos que estão na pedreira? Quem submete quem com o olhar? Quem disciplina quem?

O que é mais perigoso nessa estratégia de dominação colonial não é apenas uma questão geográfica ou gravitacional, mas sim, o desejo que nisso está enraizado. Foucault (1975, p. 174) nos dá pista disso quando afirma que “tais disciplinas [panóptico] funcionam como técnicas de fabricar indivíduos úteis, libertando-os de sua posição marginal, destacando-os da forma de excluídos” - uma clara referência à objetificação ou outremização do indivíduo.

Assim o Panopticismo, no conto, demonstra a “superioridade” do Império inglês diante ao povo hindu: primeiro, pelo fato de os ingleses terem tomado o forte, transformando-o em um monumento belicoso de vigilância; depois, por estarem “acima” de toda a população local e finalmente dominarem sem ser vistos.

5. RELIGIOSIDADE: A MALDIÇÃO COMO RESISTÊNCIA DO COLONIZADO

A religião, o culto e o próprio Deus se moldam para beneficiar seu grupo étnico e cultural, de modo que a fé, muitas vezes, é a única arma que tem o indivíduo para lutar contra o arsenal político, cultural e econômico dos impérios europeus. Logo, o “invisível” - sob a forma de praga, maldição ou *voodoo* - torna-se a resistência contra o “visível”. Em *The Fakir's Island*, de Alice Perrin, o faquir, símbolo da sociedade hindu, se vê encurralado pelas ações dos ingleses, especialmente de Mona.

No conto de Perrin, o único meio de resistência do colonizado, personificado na imagem do faquir, é sua crença. Ele utiliza as palavras e o poder que lhe foi dado pela posição hierárquica dentro da sociedade hindu para amaldiçoar os ingleses. Logo, a religião permeia a literatura colonial para proteger o colonizado de uma situação e ambiente hostis, criando um artifício, uma estratégia em que a fé se torna arma:

Outro fator de análise é o modo pelo qual o colonizado resiste ao processo de dominação, utilizando-se de uma ‘maldição’, neste caso, própria de sua cultura, no caso hindu, como forma e estratégia de contra-ataque. [...] a presença mágica das maldições hindus como única ‘arma de revide do indivíduo objetificado’ (PARADISO; BARZOTTO, 2006).

Ater-nos-emos na imagem do faquir hindu, antagonista do conto pós-colonial já citado, pois são inúmeros os exemplos de religião como

meio de resistência e revide dentro do espaço colonial, como, por exemplo, a figura dos *Obeahs* na literatura africana ou o escravo Jim, de *Adventures of Huckleberry Finn*, de Mark Twain.

Assim, a religião e a religiosidade são, juntamente com a mímica, a civilidade dissimulada e outras, estratégias de defesa das nações subjugadas contra a sevícia do imperialismo. A religião torna-se uma instituição importante dentro do espaço colonial, sendo arma de dois gumes, ora um poder de dominação - quando usada pelo poder europeu - ora de contra-ataque - quando utilizada pelas (ex) colônias:

[...] a religião é um processo sócio-cultural, necessário e pertinente a toda civilização humana, seja a inclusa ou exclusiva, ricos ou pobres, brancos ou negros; Percebemos que a religião quando praticada por subjugados, marginais ou oprimidos torna-se um instrumento de rebeldia, contra ataque [...] (PARADISO, 2006).

A Índia é um país berço de diversas grandes religiões, e ali a prática religiosa integra o quotidiano da sociedade. O hinduísmo é a maior religião do país, embora grupos significativos pratiquem o islamismo, o jainismo, o siquismo, o cristianismo e a fé bahaí. O faquir é um personagem freqüente na cultura indiana, seja dentro do hinduísmo seja no islamismo (ascetas). A população indiana reconhece a supremacia espiritual dos faquires: *“In India many people have been afraid of the Fakirs’ curse power.”*¹⁰

O estereótipo do faquir liga-se sempre à idéia de superação, poder e misticismo, pois são as camas de pregos e brasa, a autoflagelação, o transe, o jejum - entre outras - as características desses personagens da cultura indiana.

A prática de manipular poderes sobrenaturais para fins próprios ou comunitários é freqüentemente encontrada nas culturas coloniais, principalmente na indiana, com os faquires, além de pertencer a outras, como a judaica com os cabalísticos e as de africanos com os seus curandeiros. Aqui na América, este sincretismo acabou se manifestando em outras formas de prática religiosa, provindas principalmente do tráfico negreiro. Estas práticas são mais reconhecidas nas ilhas do

¹⁰ <http://en.wikipedia.org/wiki/Fakir>. Na Índia, muitas pessoas temem o poder de amaldiçoar dos faquires. (Tradução nossa).

Caribe - como o *shango* (Trinidad), a *santeria* (Cuba), o *voodoo* (Haiti), o *Obeah* (Jamaica) além do Brasil, com o candomblé.

Toda prática religiosa nos países inseridos no contexto (pós)colonial torna-se uma fé provedora de força e resistência contra a força hegemônica européia. Nas palavras de Alves:

Nascemos fracos e indefesos incapazes de sobreviver como indivíduos isolados; recebemos da sociedade um nome e uma identidade, com ela aprendemos a pensar e nos tornamos sociais, fomos por ela acolhidos, protegidos e alimentados e, finalmente e ela que chorara nossa morte. É compreensível que ela separe o deus que todas as religiões adoram ainda que de forma oculta, escondidos aos olhos dos freis [...]o fiel que entrou em contato com o seu deus [...] se tornou mais forte. Ele sente dentro de si, mais força, seja para suportar os sofrimentos da existência, seja para vencê-los (1990, p. 64).

O poderio hindu não é como o poderio inglês - arquitetônico, estatal e belicoso - mas está no rio Ganges, público, espiritual e pacífico. É nele que se encontra a “ameaça” contra os colonizadores ingleses – uma população numerosa munida de fé, a qual crê que as forças transcendentais de seus deuses superam qualquer imposição militar. É essa fé dos indianos que os faz estar ali no Ganges, comemorando o *Kumbha Mela*. O *Kumbha Mela* (a Grande Feira), chamado também *khoom Mela*, é um agrupamento de 10 a 20 milhões de hindus à beira dos rios sagrados indianos. Os rios fazem parte da liturgia religiosa bramanista, atraindo pessoas de diferentes partes da Índia, conduzidas pelas lideranças sacerdotais do hinduísmo. O mais famoso encontro fluvial está na confluência do Ganges com o Yamuna, como refere o texto: “[...] *two millions of human beings, who had gathered from all quarters of India to bathe in the holy Gangs River and wash away their sins. It was the time of the khoorn Mela, or great religious, Hindu fair*” (PERRIN, 2004, p. 284).

Kumbha Mela é a mais sagrada de todas as peregrinações hindus, em que milhares de homens e mulheres santos (os monges, faquires e sadhis) participam do ato, tornando-o místico e fantástico aos olhos ocidentais; e são estes homens, os faquires, que põem em xeque a superioridade inglesa no conto de Perrin.

Quando todo o poder bélico, arquitetônico e “intelectual” mais sofisticado está nas mãos do adversário dominador, a resistência pacífica, “não sangrenta”, baseada numa persistência e fé, torna-se mais eficiente, visto

que o desconhecido, aos olhos do colonizador, torna-se ameaçador. A estratégia de luta armada tornar-se-ia impossível aos hindus, em vista do baixo poder militar contra os ingleses; mas mesmo assim o primeiro ponto de inversão acontece: o poder visível (o forte) é ameaçado pelo poder invisível (maldição): *“The deliberate levying of curses is often part of the practice of magic, taking place at the boundary between organized religion and folkloric customs. The curse makes effective part in the hindu culture (The Fakir has the bless and curse power)”*¹¹.

Nesse ponto a história de “ataque e defesa” se inverte. O faquir amaldiçoa Mona e sua ideologia, pois é a única arma que ele possui para delimitar “fronteiras” entre o ritual religioso e o campo de colonização, produzindo assim, na “invasora”, conseqüências culturais e religiosas. A inglesa agora está sujeita à “vigilância permanente” que seu império utilizara anteriormente, pois, infectada pela varíola (considerada como conseqüência da praga do asceta hindu), Mona tornara-se um indivíduo em quarentena.

O termo quarentena é utilizado por Foucault como um simbolismo para o panóptico, visto que o doente contagioso necessita vigilância. Foucault observa que a estrutura panóptica é como uma “espécie de “quarentena social” (1975, p. 178).

Além disso, a base do panopticismo de Bentham foi a quarentena provinda das pestes do século XIX, como a lepra, como observa Ferreira Junior (2006): “Como fonte de inspiração na tentativa de um controle total, o Panoptismo tem suas raízes no esquema de quarentena que era empregado no século XVII”.

O código de vigilância epidemiológico de algumas cidades costuma ligar quarentena a uma vigilância permanente, como podemos observar na Lei N. 1611 de Araguaína¹²: “Art. 6º - O isolamento e a quarentena estarão sujeitos a vigilância direta da autoridade sanitária municipal, a fim de garantir a execução das medidas profiláticas e tratamentos necessários”.

A maldição do faquir (varíola) é o meio pelo qual os mendigos e o próprio faquir resistem à invasão dos colonizadores à sua ilha (espaço sagrado), que os privava do direito de ir e vir: *“She’s practically*

¹¹ Wikipedia (<http://en.wikipedia.org/wiki/Curse>). A intencionalidade das maldições é frequentemente parte da prática mágica, fazendo parte da divisa entre a organização religiosa e os costumes folclóricos. A maldição faz parte efetiva na cultura hindu (o faquir tem o poder de abençoar e amaldiçoar) (tradução nossa)

¹² Site da Prefeitura de Araguaiana: <http://www.araguaiana.to.gov.br/leis/>.

all right again, and, I believe, out of quarentine; but she won't go anywhere [...] ¹³".

Não obstante, a maior responsável pela doença e deformidade de Mona: "*Mona Selwyn had been at death's door*" (PERRIN, 2004, p. 291) e "*She was greatly disfigured [...] the fair, curly hair had been cropped short, and the blue eyes were full of sadness*"¹⁴ (PERRIN, 2004, p. 292) foi sua intolerância e limitação cultural, pois, apesar da superioridade britânica, os colonizadores (exceto George) estavam à mercê do desconhecido, inclusive do fato de que os adoradores da deusa *Shitala Mata*, a deusa da varíola, se purificam da doença no Ganges, banhando-se com potes na grande feira *Khoom Mela*: "Para mitigar a febre, você asperge, do pote cheio, com a vassoura, a água da imortalidade (Ganges).[...] Você refresca o calor escaldante das pústulas; Shitala, eu te venero." Oração indiana .

CONCLUSÃO

A literatura pós-colonial vem mostrar os dois lados de uma mesma moeda, cunhada sobre os ideais de dominação do colonizador e resistência do colonizado. Além disso, tais textos compreendem assuntos referentes às sociedades que sofreram o infortúnio da colonização, como, por exemplo, a Índia, enaltecendo tópicos como: os dilemas de desenvolver uma identidade nacional após as regras coloniais; os modos como os escritores de países colonizados tentam articular e, até mesmo, celebrar as suas identidades culturais; o conhecimento dos modos como os colonizados serviram aos interesses dos colonizadores e como o saber de pessoas subjugadas ao poder é produzido e é usado; a maneira como a literatura é usada para justificar o colonialismo pela perpetuação de imagens dos colonizados como inferiores. Assim, essa perpetuação de idéias imperiais é denunciada por autores pós-coloniais explicitamente como forma de denúncias ou implicitamente com simbolismos e ironias.

Todos esses elementos são utilizados por grupos diferentes entre si, em locais diferentes e para produção de efeitos diferentes.

¹³ Ela está praticamente restabelecida, e eu acredito que fora da quarentena, mas ela não poderá ir a lugar nenhum (tradução nossa)

¹⁴ Mona Selwyn esteve à porta da morte. Ela estava grandemente desfigurada [...] a clara moça clara, seus escassos cabelos encaracolados e seus olhos azuis estavam cheios de enfermidades (tradução nossa).

O panóptico é o primeiro elemento, o poder de visão dos colonizadores, obtido pela opulência vertical de manifestações arquitetônicas. Visava à vigilância e causava um permanente estado de dominação. Também chamada de “olhar” ou “gaze”, essa estratégia do colonizador é eficaz, já que interpela o sujeito colonial, salientando sua subalternidade e definindo o poder onisciente do Império; e é na posição vantajosa dos colonizadores - no caso, o forte de Akbar com seus 21 metros de altura - que o panóptico é a força invisível que tudo vê sem ser vista. Por outro lado, o colonizador resiste e revida com um elemento também invisível: a religiosidade.

O elemento de resistência do grupo nativo é a única arma disponível no momento; a crença e o conhecimento teológico dos faquires delimitam um espaço seguro entre eles e os estrangeiros. O faquir consegue estabelecer as fronteiras entre o espaço colonizado e Mona, personificando nesta o desejo de todos os nativos: o de que eles (os colonizadores) nunca tivessem vindo ali, “*I Wish I had never come.*” (PERRIN, 2004, p. 290).

A religiosidade, quando proclamada, tende para dois pólos opostos: a bênção e a maldição. A maldição é a defesa ou o contra-ataque, seja qual for a esfera religiosa em que se encontre. É nesse âmbito que o velho doente faquir lança nos colonizadores uma praga, invertendo a posição de domínio, pois seus deuses também vêem tudo sem serem vistos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post Colonial Literatures**. London: Routledge, 1991.

BENTHAN, Jeremy. **O Panóptico**. Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

FERREIRA JUNIOR, Helio da Silva. Otlet realizador ou visionário? O que existe em um nome?. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 9-16, maio/ago. 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

PARADISO, Silvio Ruiz. **A religiosidade afro-brasileira em “A Barra do Catimbó”, de Plínio Marcos: candomblé e umbanda como realidade social.** 2006. 60 f. Monografia – Centro Universitário de Maringá, Maringá, 2006.

PARADISO, Silvio Ruiz.; BARZOTTO, Leoné Astride. A Visão Panóptica do colonizador e os meios de resistência do colonizado em The Fakir’s Island, de Alice Perrin. In: MOSTRA DE TRABALHOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO CESUMAR, 3., 2006, Maringá. **Anais...** Maringá: CESUMAR, 2006. 1 CD-ROM.

PERRIN, Alice. The fakir’s island. In: BONNICI, Thomas. **Short stories: an anthology for undergraduates.** 2. ed. Maringá: UEM, 2004.

PREFEITURA DE ARAGUAIANA. Disponível em ><http://www.araguaiana.to.gov.br/leis/>< . Acesso em : 25 jan. 2007.